

# Os planos de Cousteau

Em sua expedição à Amazônia, ele terá todo o apoio das autoridades brasileiras. Em troca, técnicos brasileiros farão parte da tripulação do "Calipso".

**Temos que fazer as pessoas amar o meio ambiente**

O cientista Jacques Yves Cousteau recebeu a garantia das autoridades federais de que, no menor prazo possível, receberá autorização para iniciar sua expedição à Amazônia, em função do que ele pretende cruzar a foz do rio Amazonas a bordo do seu barco "Calipso". Foi intensa a receptividade de todas as áreas federais onde Cousteau esteve para pedir colaboração e oferecer seus serviços, sendo que a exceção ficou por conta da reunião de ontem no Conselho Nacional de Pesquisas, onde alguns cientistas questionaram o destaque dado a filmagens nos trabalhos da equipe francesa, o que poderia vir em detrimento das pesquisas.

Observações nesse sentido foram feitas durante a reunião pelo almirante Paulo Moreira da Silva, que na Marinha trabalha no setor de pesquisas. Ele perguntou a Cousteau o por que da importância dada "ao lado artístico do show". O oceanólogo respondeu: "Se quisermos que as pessoas se interessem pela ecologia, temos que fazê-las amar o meio ambiente, e para isso os filmes são bons". Acrescentou, posteriormente, que grande parte dos quatro milhões de dólares que serão gastos na expedição, que tem uma duração prevista para 13 meses, será coberta com a venda dos filmes para televisão de 117 países. Ainda no CNPq, Cousteau pediu o apoio dos cientistas dos órgãos representados na reunião, no sentido de que forneçam informações de caráter técnico que possam ser inseridas nos filmes, o que na opinião de seu filho, Jean Michel, é uma maneira de legitimar esse lado do trabalho.

Cousteau esclareceu que espera dos cientistas brasileiros a colaboração, com informações e trabalho direto nas pesquisas, em troca do que ele pretende oferecer: a tecnologia de que dispõe. O aparato técnico da equipe de 40 membros chega a impressionar. O Calipso pode levar 26 pessoas a bordo e tem capacidade para navegar a uma calagem de até três metros. O barco está ligado ao sistema de comunicações por satélite com telex e telefone e nele Cousteau pretende manter permanentemente dois cientistas brasileiros, através de um sistema de rodízio que



Em suas visitas aos gabinetes governamentais, Cousteau recebeu toda a ajuda que queria.

permitirá o acesso à expedição de cerca de 20 técnicos, além de estudantes que serão selecionados. Linaldo Cavalcanti de Albuquerque, presidente do CNPq, apesar de não querer fazer uma projeção sobre os possíveis resultados científicos do projeto, disse que os especialistas do Instituto Nacional de Pesquisas da Amazônia poderão aproveitar a oportunidade para aprofundar os estudos que vêm realizando.

O Calipso será o centro da expedição, mas Cousteau tenciona operar simultaneamente em lugares diversos. Para tanto, ele dispõe ainda de um Over Craft e de um barco de borracha com 10 metros de comprimento e capacidade para duas toneladas de equipamentos. A equipe conta, também, com um pequeno avião para facilitar os deslocamentos. Com todo esse equipamento, Cousteau pretende trabalhar não só nos rios Negro e Amazonas (ele vai privilegiar a parte Oeste deste) como

também entrar nos seus afluentes de dimensões variadas. O ministro da Marinha ofereceu todo o apoio necessário a Jacques Cousteau que ontem esteve também no gabinete do ministro da Aeronáutica.

Ao conceder uma entrevista coletiva, ontem, o comandante francês ressaltou não poder fornecer maiores detalhes sobre como ocorrerá a expedição porque muita coisa ainda precisa ser definida. Ele deverá, por exemplo, visitar uma estação ecológica, mas não se sabe qual. Depois de entrevistar-se, também ontem, com o secretário-geral do Ministério do Interior, Augusto César Rocha Maia, ele recebeu o apoio de todos os órgãos daquela Pasta que atuam na Amazônia. Em função de todas essas participações, Linaldo Cavalcante criou uma comissão que será responsável pela articulação entre os diversos organismos, e que vai ser coordenada pelo Impa.

No entanto, ele pensa que a expedição será iniciada em dois ou três lugares ao mesmo tempo. Uma equipe partirá de Mato Grosso, outra da fronteira com a Bolívia e ambas deverão encontrar o Calipso em algum ponto do lado Oeste do rio Amazonas. Partes dos rios Tocantins e Xingu também deverão ser percorridas. Uma parte da equipe vai se deslocar também pelo rio Orenoco, na Venezuela, mas o ponto final da viagem Iquitos, no Peru, será alcançado a partir das fontes do Amazonas. Este último trecho será percorrido pelo Calipso, o que somente poderá ser feito devido a sua grande mobilidade.

#### Visita ao Jari

Bastante cauteloso, Cousteau tem evitado, desde que chegou a Brasília, qualquer comentário sobre o problema de devastação da Amazônia. Ele lembra que nunca esteve na região e que dispõe de informações sobre a questão,

mas prefere verificar a situação de perto para emitir uma opinião posteriormente. A cautela marcou também suas observações com relação ao Projeto Jari, que ele vai conhecer para estudar a transformação do ecossistema a partir da implantação de um projeto econômico daquele porte. Sobre o Jari, disse apenas que leu algumas reportagens e as achou contraditórias: "Se é viável, ou não, teremos uma resposta até o ano que vem". E finalizou sobre este aspecto: "Da Amazônia sei apenas que se trata do sistema de águas mais importante do mundo; o restante pretendo ver de perto".

A reunião do CNPq compareceu, também, Paulo Moreira Leal, presidente da Fundação Nacional do Índio. Cousteau pretende conhecer alguns indígenas, mas não identificou ainda quais. O certo mesmo é que ele pretende estudar as técnicas de captura de peixes, tanto as utilizadas pelos índios quanto pelos caboclos. O comandante se disse preocupado com informações sobre o esforço de pesca de certas espécies, considerado demasiado.

Ele assegurou aos técnicos presentes no CNPq que trataria da questão da aquacultura, mas ao responder uma questão sobre o camarão, ironizou: "Sou quase um inimigo desse crustáceo, porque é um alimento de luxo e estou interessado em peixes que possam ser produzidos para milhões de pessoas". Alguns animais — ele não sabe ainda quais — terão seu comportamento estudado pela equipe. A única espécie que ele tem certeza de querer investigar é o peixe-boi.

Pesquisas serão feitas, ainda, sobre os aspectos químicos e físicos da água; a vida aquática; o uso da água pela flora e sua influência na vida animal.

Sobre a Antártica, Cousteau reiterou, durante a entrevista coletiva, que o continente deve ser preservado, por ser uma área bastante vulnerável. Disse desconhecer a intenção do Brasil de enviar uma expedição para lá, no próximo verão, e não fez comentários sobre isto. Respondendo a uma pergunta sobre as potencialidades do continente, afirmou se tratar de uma região pobre. Nem mesmo o krill (espécie de crustáceo abundante na antártica e reputado por ser rica em proteínas), na opinião do comandante, é aproveitável, por ser muito pouco saboroso.

Ao final, comentou que o povoamento da Amazônia é inevitável e se perguntou como o Brasil vai acomodar tanta gente na região sem destruir seu meio ambiente. Acrescentou esperar que sua expedição possa colaborar um pouco para isso.

## EXCLUSIVO

### Os dois problemas mais graves para a humanidade são o perigo nuclear e a bomba.

A opção pela energia nuclear e a bomba, que representam a fome e a pobreza do Terceiro Mundo são os dois fenômenos que mais põem em risco a sobrevivência da humanidade. A colocação foi feita, ontem, em Brasília, em entrevista exclusiva ao Estado e ao Jornal da Tarde, pelo cientista francês Jacques Cousteau, para quem, em vista desses problemas, a questão ambiental fica relegada ao segundo plano.

Cousteau falou também da "ecotécnica", uma doutrina que vem tentando montar com os técnicos de sua Fundação e que visa instaurar um modelo alternativo de desenvolvimento. O cientista criticou ainda a exploração do continente antártico, que ele considera prematura. Esta é a íntegra de sua entrevista:

**Pergunta:** como o sr. vê a situação dos oceanos, considerando os atuais níveis de poluição? O sr. não acredita que os mares careçam, com urgência, de uma política de proteção global?

**R:** Existe um começo de ações nesse sentido. Uma tomada de consciência com relação ao problema da conservação dos oceanos. Hoje, existem organismos que lutam efetivamente para reduzir a poluição química dos oceanos, as o problema complica-se por uma nova consideração, que é o fato de que a destruição dos oceanos não depende exclusivamente da poluição química, mas também da destruição mecânica, como por exemplo a má gestão das atividades pesqueiras das zonas costeiras e os desvios de rios.

**P:** No seu entender, a situação é catastrófica?

**R:** Não, ela é ruim. Não se deve empregar palavras muito dramáticas. A situação é ruim. Temos essas duas causas, as poluições químicas e mecânicas. A tomada de consciência já ocorreu para a poluição química, mas de maneira nenhuma para a mecânica, o que quer dizer que temos ainda muito esforço pela frente para chamar atenção a este problema. É evidente a necessidade de regulamentos internacionais para a pesca, que não existem atualmente. É igualmente preocupante a situação do desenvolvimento

costeiro, hoje completamente anárquico em todo o mundo. Esses assuntos têm que ser explicados ao público e deve ser criado um movimento como nós já fizemos com a poluição química.

**P:** De que maneira as nações poderiam se reunir em torno de uma política global para o mar?

**R:** Estamos longe disso. Mas, de qualquer maneira, existe um organismo, que é o programa das Nações Unidas para o desenvolvimento, cujo papel é precisamente coordenar os esforços dos países e de estimulá-los. Assisti a uma reunião dos países membros, os 150 países, em Nairóbi, no Quênia, há dois anos, e percebi que eram poucos os delegados com boa fé. Aquele que disse mais verdades foi o delegado chinês. Os outros diziam apenas uma parte da verdade. O chinês afirmava: "No nosso país, a situação é horrível". O resto dos participantes dizia que seus países faziam uma série de coisas... Mas não é verdade.

**P:** E com relação à exploração do continente antártico?

**R:** Acredito que é prematura. A Antártica deve ser deixada como reserva. No momento, somos incapazes de explorá-la. Não temos conhecimentos suficientes para fazer um desenvolvimento daquela área. Eu sou partidário de que continuemos com o atual tratado atlântico, prolongando sua validade, sem modificá-lo.

**P:** Complementando, o que acha do modelo mimético de desenvolvimento adotado pelos países do Terceiro Mundo em relação aos mais desenvolvidos? Devemos procurar formas alternativas de desenvolvimento?



Cousteau: falando de "ecotécnica".

**R:** Esta é uma questão muito importante e muito difícil. Mas, no âmbito da Fundação Cousteau nós consideramos que os dois problemas mais graves para a humanidade são o perigo nuclear e a bomba, que representa a pobreza do Terceiro Mundo. Estas duas questões são ainda mais importantes que o problema do meio ambiente. No que concerne ao desenvolvimento do Terceiro Mundo, não acredito que o modelo das nações desenvolvidas de hoje seja um bom modelo. Nem para as nações desenvolvidas nem tampouco para o Terceiro Mundo. Acredito que os erros que cometemos não devem ser transpostos aos países em vias de desenvolvimento. Existe uma política inteligente nova de desenvolvimento a ser concebida, uma nova doutrina que até o momento não chegou a ser nem mesmo considerada.

Alguns setores dedicaram livros a esse respeito, mas encontramos-nos ainda no estágio da especulação. Nossa Fundação não é alheia a esse problema. Nós estudamos uma nova doutrina, através de um grupo de trabalho que ataca esse problema do desenvolvimento do Terceiro Mundo.

**P:** E o caminho a ser percorrido passa mais por uma solução política ou econômica?

**R:** Social. A política e a economia acompanham esse movimento. Elas não devem ser os motores. Observe o que se passa no Brasil, por exemplo. Todas as autoridades que encontramos nos disseram: "Eis o que se passa e nós tentamos administrar isto". Os grandes movimentos de população e de desenvolvimento são realidades concretas independentes da política e da economia. Somente após é que a política e a economia administram esses movimentos. São problemas de gerência. Os fenômenos sociais comandam. A política e a economia seguem.

**P:** No que diz respeito às tecnologias intermediárias, repetidamente sugeridas para o Terceiro Mundo, o que pensa o sr.?

**R:** Isoladamente não tem muito a ver com o problema. Estamos elaborando uma doutrina que chamamos de "ecotécnica" que é baseada na colaboração estreita dos pontos de vista ecológicos, econômicos e tecnológicos. A partir da fusão desses três inimigos, porque estes não passam de inimigos — irmãos inimigos —, devem ser introduzidas noções exteriores a essas três disciplinas que são antes de tudo as questões sociais, culturais e políticas.

**P:** A aplicação de um conceito desse

gênero poderia ser feita, da mesma forma, tanto no centro desenvolvido como na periferia?

**R:** A originalidade de tal conceito é que ele não é doutrinário. Ele se aplica a cada problema. Podemos chegar a conclusões diferentes para o Terceiro Mundo e para um país já desenvolvido. Isto porque cada problema deve ser considerado nesta cesta de colocações: tecnologia, ecologia e economia. Isto nos leva a uma grande diversidade de concepções para cada problema. A diversidade é o fator de estabilidade. É isto que devemos desenvolver e não tentar unificar todo o mundo.

**P:** Mas o aprimoramento dos meios de comunicação não estão unificando culturalmente o mundo?

**R:** Isto era uma tendência até o presente. Percebemos que nos afastamos desse fato radicalmente. Nas Nações Unidas ou na Unesco, em Paris, a diversificação aumenta a cada ano. Cada vez mais as pessoas estão chegando nesses lugares e impondo suas línguas, seus costumes e hábitos. O mundo se volta para a diversificação após terem falhado as tentativas de unificação.

**P:** No caso da França, seu nome chegou a ser sugerido para as eleições presidenciais de março. A França de Mitterrand está mais preocupada com as questões ambientais do que a França de Giscard d'Estaing?

**R:** Não posso responder a essa questão porque ainda é muito cedo. Porém, os ecologistas franceses estão decepcionados com a política ecológica do novo Governo. Esperávamos maiores mudanças nesse domínio. Nem a política nuclear, nem a política industrial nem a política econômica, de uma forma global, foram seriamente alteradas. Os ecologistas franceses, hoje, partem para a oposição. Melhor dizendo: eu estou passando para a oposição. Não estou de acordo com o movimento ecológico francês, nem com o alemão. São movimentos retrógrados. O que tentamos fazer é uma ecologia construtiva, e não uma ecologia negativa.

**P:** No sentido de que eles são radicais?

**R:** Sim, eles rejeitam tudo de maneira sistemática. Isto não significa nada.



**jornal da tarde**  
O ESTADO DE S. PAULO